

“VIAGENS DE RECREIO”: primeiras manifestações do turismo em Pelotas/RS

DALILA MÜLLER*

INTRODUÇÃO

Este artigo busca analisar de que forma as “viagens de recreio” ou “excursões”, realizadas durante todo o século XIX entre Pelotas e as cidades vizinhas, podem ser consideradas as primeiras manifestações do turismo em Pelotas. Essas viagens eram realizadas pelos moradores de Pelotas que se deslocavam para localidades próximas, principalmente Rio Grande, Bagé e Piratini, configurando-se, assim, como turismo emissor. Mas também os moradores das cidades vizinhas vinham para a cidade, principalmente para participar de eventos, como as festas religiosas e os eventos esportivos, configurando-se como um turismo receptor.

Inicialmente considera-se importante esclarecer o significado de “viagens de recreio” ou de “excursões” no próprio século XIX. Para isso, buscamos os dicionários da época. Excursão significava uma jornada à pequena distância, um passeio aos arredores do local onde alguém reside (CASTELBRANCO, 1881). Recrear significava aliviar do trabalho, divertir do enfado com prazer (SILVA, 1831). Desse modo, consideramos, para este trabalho, as viagens de recreio ou excursões como as viagens de pequena distância, realizadas aos arredores das cidades e que tinham por objetivo o descanso, o prazer, o divertimento, tanto pelos moradores de Pelotas, como pelos moradores das cidades vizinhas.

Também considera-se importante definir o conceito de turismo que é utilizado:

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural. (DE LA TORRE, 1992: 19)

No final do século XVIII iniciou-se a atividade charqueadora na região de Pelotas, a qual se desenvolveu durante todo o século XIX. No final da década de 1770 José Pinto Martins instalou a primeira charqueada à margem direita do arroio Pelotas, sendo seguido por outros charqueadores. Em 1822 já estavam em funcionamento 22

* Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Mestre em Turismo – UCS, Doutora em História – UNISINOS.

charqueadas (MAGALHÃES, 1993), o que demonstra o crescimento desta atividade no início do século XIX, transformando a região de Pelotas no grande centro saladeiril do Estado.

Com a exploração da atividade charqueadora a população começou a aumentar, formando-se um povoado, inicialmente às margens do arroio Pelotas, juntamente com as charqueadas e, posteriormente, mais afastado desta atividade, nas terras de Antônio Francisco dos Anjos, local onde se formou a cidade.

A partir de 1810 os moradores solicitaram a criação de uma freguesia, a qual veio estabelecer-se em 1812, baseada na existência de mais de 150 famílias, “as mais abastadas da fronteira” e de fábricas de carne salgada que ocupavam, aproximadamente, 100 pessoas (MELLO, 1912).

Entre 1812 e 1830 a população dobrou, surgiram fábricas, ruas foram traçadas. A Freguesia cresceu populacionalmente, passando de 2.419 habitantes em 1814 (OSÓRIO, 1997: 80) para 10.873 em 1833 (ARRIADA, 1994: 73-4), um crescimento de aproximadamente 440 pessoas por ano. Essa população era composta basicamente das famílias dos charqueadores e seus escravos, de antigos moradores de Rio Grande, que vieram se estabelecer na Freguesia e de proprietários de fábricas e casas comerciais que se instalaram na cidade.

Em 1832 possuía um grande número de casas comerciais, delas provindo grande parte da sua arrecadação. Alberto Coelho da Cunha informa a existência dos seguintes estabelecimentos em 1832: 27 lojas de fazendas, 8 de ferragens, 7 alfaiatarias, 9 sapatarias, 3 lojas de miudezas, 1 tamancaria, 3 marcenarias, 1 carpintaria, 4 lojas de serigueiros, 3 de ourives, 2 de lombilhos, 3 de funileiros, 1 casa de pasto, 1 tanoaria, 2 mascates. “Como coisa suntuosa, contava-se uma fabrica de licores e seis salas de bilhares públicos”. (CUNHA, 1928: 1)

Esse crescimento populacional, econômico e urbano de Pelotas foram requisitos importantes para a sua elevação à condição de vila, em abril de 1832 e de cidade, em 1835. Através da Lei nº 5 de 27 de junho de 1835, Pelotas atingiu a condição de cidade, juntamente com Rio Grande. Nesse ano o Rio Grande do Sul passou a contar com três cidades: Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande.

Porém, neste mesmo ano iniciou-se a Revolução Farroupilha, a qual perdurou até 1845. Com ela, as atividades econômicas, sociais, culturais e políticas sofreram uma

estagnação. Os depoimentos do período são unânimes em concordar que Pelotas parou durante o decênio da guerra, como destacou o Conde D'Eu (1936: 213): “[...] os dez anos da guerra civil, 1835-1845, foram especialmente para Pelotas um período de misérias e de estacionamento”.

Porém, antes do término da Revolução Farroupilha, a cidade retomou seu desenvolvimento. A população de 10.873 em 1833 passou para 6.248 em 1846, uma redução de 42,54% (MAGALHÃES, 1993), aumentando para 10.757 em 1858, ou seja, um acréscimo de 385 moradores por ano. Já em 1859 a população de Pelotas passou para 12.893, atingindo um total de 15.384 moradores em 1865 (ANJOS, 2000: 46). Esses dados demonstram o crescimento da população, ocasionado pelo retorno de antigos moradores e pela chegada de imigrantes europeus, uruguaios e argentinos.

A atividade charqueadora se intensificou, com o funcionamento de 21 charqueadas na safra de 1859-60, as quais abateram 181.100 reses (Diário do Rio Grande, 24.10.1860, p. 1, Rio Grande), chegando a 35 charqueadas em funcionamento no ano de 1873, quando foram abatidas 408.010 reses (MÜLLER, 2004).

Pelotas também se transformou no “principal centro econômico da zona da campanha, pólo de distribuição de mercadorias originadas do Rio de Janeiro e do Velho Mundo, e local de reunião e exportação dos produtos da região para o norte do território nacional, sobretudo o charque” (SANTOS, 1997: 23)

Segundo Magalhães (1993: 70) durante os anos de 1851 e 1860 “... que Pelotas vai dar o salto capaz de situá-la entre as cidades pequenas mais prósperas do Brasil.” Neste período Pelotas recuperou sua economia e delineou sua configuração urbana, consolidando-se no período seguinte, mantendo o apogeu entre 1860 e 1890.

Foi nesse período que começaram a ser implantadas as primeiras indústrias em Pelotas. Santos (1997: 41) destaca as mais importantes: a Fábrica de Sabão Lang, fundada em 1864, que passou a produzir também sabonetes e velas de cera; Fábrica de Sabonetes Voight, em 1870; a fábrica de tecidos Rheingantz & Vater, em 1873; a Cervejaria Ritter, em 1876, que produzia cerveja, água mineral, gasosas e gelo; a Fábrica de Chapéus Pelotense, em 1881; a firma Cristiá & Cia., que produzia vinhos, licores, conhaques e gasosas, em 1885; a Cervejaria Sul-Rio-Grandense, produzindo cervejas, gasosas e gelo, em 1889. Essas indústrias complementares, como curtumes, fábricas de velas, sabões e adubos, utilizando os resíduos da indústria do charque,

começaram a se instalar, principalmente com a participação do imigrante europeu. (VIEIRA, PEREIRA e TONI, 1994).

Na década de 1880 foi construída a estrada de ferro, intensificando a ligação de Pelotas com outras cidades. Em dezembro de 1884 foi inaugurada a Estação Ferroviária de Pelotas, sendo que sua construção iniciou em 1881 (Diário de Pelotas, 08.04.1886, p. 1, Pelotas). A estrada de ferro ligava Rio Grande, Pelotas e Bagé, o que favorecia o deslocamento e comunicação entre as cidades.

Assim, a cidade de Pelotas se desenvolveu durante todo o século XIX, com o crescimento da população, principalmente com os imigrantes europeus; com a intensificação das atividades nas charqueadas e nos diversos estabelecimentos industriais e comerciais que se instalaram na cidade, o que possibilitou que uma elite, com condições financeiras e tempo livre, se formasse na cidade e se dedicasse a atividades de lazer.

A elite é aqui entendida na perspectiva de Needel (1993) e Heinz (2006). Para esses autores, a elite constitui-se num grupo que possui influência, privilégios e poder de decisão na sociedade a que pertence, distinguindo-se pelo seu comportamento social, servindo, muitas vezes, de modelo pelo seu modo de vida.

Essa elite participava de diferenciados espaços de lazer, como as sociedades culturais e recreativas, o Teatro Sete de Abril, os hotéis, com seus jogos e áreas e restaurantes, as praças e parques (MÜLLER, 2010). Além disso, essa elite buscava o lazer nos arredores da cidade e também nas cidades vizinhas, realizando, assim, as “viagens de recreio”.

A noção de lazer é entendida aqui, de acordo com a concepção de Alain Corbin (2001), como a liberdade de usar o tempo livre para distrações ou ocupações a que as pessoas se entregam de livre vontade, e não como sequência temporal sem trabalho. O autor considera ainda que no seio das elites do século XIX o lazer se achava valorizado. Essas elites dispunham de um tempo livre, o que não quer dizer que eram ociosas, mas que evitavam “o vazio das horas”. A elite é obrigada a “empregar o tempo e tem que encontrar numa ocupação uma razão para viver. Mas as atividades a que se consagra[m] respondem imperativamente a três condições: tem que ser voluntárias, honoríficas e desinteressadas.” (CORBIN, 2001: 59-90).

No século XIX a elite brasileira começa a se deslocar com maior frequência, tanto nas proximidades das cidades, quanto à outros estados, principalmente a capital, e países da Europa. Muitas vezes, esse fenômeno fez parte do processo de "europeização" das camadas socialmente mais elevadas, que se acentuou, principalmente, a partir da década de 1870 e também da construção de estradas de ferro interligando regiões (SOLHA, 2002).

Para desenvolver esta análise, as principais fontes de informação foram os jornais periódicos que circulavam em Pelotas e em Rio Grande, cidade próxima à Pelotas. Os jornais impressos concentravam um papel fundamental no registro da vida social da cidade, pois, como diz Loner (1998: 07), numa cidade pequena e requintada como Pelotas, “coisas que normalmente hoje não seriam reproduzidas [...] eram contadas nos mínimos detalhes, permitindo conhecer tanto o pitoresco do fato, quanto o lado cotidiano da vida das pessoas daquela época”. Assim, utilizei os anúncios, os comentários e as crônicas escritas nos jornais, principalmente O Pelotense, Correio Mercantil, Diário de Pelotas e Diário Popular, de Pelotas e o Diário de Rio Grande, de Rio Grande.

AS “VIAGENS DE RECREIO” EM PELOTAS NO SÉCULO XIX

As “viagens de recreio” entre Pelotas e as cidades vizinhas e vice-versa começaram a se intensificar após o término da Revolução Farroupilha, quando a cidade retoma seu desenvolvimento, paralisado pelos dez anos da guerra. É também nesse contexto que a cidade reorganiza sua vida social e cultural. Associações, variados espetáculos no teatro, diversas atividades nos hotéis, nas ruas e na Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório], viagens para fora da cidade, animavam a vida pública em Pelotas no início da segunda metade do século XIX e eram resultado do desejo da elite de se encontrar. “A sociabilidade em Pelotas nesse período estava diretamente relacionada aos encontros fora do círculo familiar. Essa renovação da sociabilidade urbana se insere na nova noção de público, que se instaura como espaço privilegiado de intercâmbio.” (MÜLLER, 2010: 57).

Analisando as fontes documentais é possível dizer que as primeiras viagens de recreio eram realizadas por vapor e tinham por origem e destino somente Pelotas e Rio Grande, em função da facilidade de acesso através dos vapores que ligavam Pelotas e

Rio Grande pela Lagoa dos Patos. No início da segunda metade do século XIX, cinco vapores faziam o transporte de passageiros entre Pelotas e Rio Grande: Especulação, Rio Grande, Charrua, Mauá e Trapuá, sendo três da companhia União, um da companhia Mauá e um da companhia Guaíba. (GUTIERRES, 1999: 218).

Também é possível afirmar que as festas religiosas foram os primeiros atrativos “turísticos” dessas cidades, atraindo a concorrência de “turistas”. Na festividade do Santo padroeiro São Francisco de Paula, em abril de 1864, “cavalheiros e senhoras vindos da cidade vizinha [Rio Grande] e de Porto Alegre abrilhantaram a festividade, e mais motivos de satisfação teve o povo de Pelotas” (Diário do Rio Grande, 07.04.1864, p. 1, Rio Grande).

As festas religiosas se tornaram importantes eventos realizados nas cidades, agrupando não só os moradores locais, mas também de cidades vizinhas. Prova disto são os anúncios veiculados nos jornais de Rio Grande oferecendo passeios de recreio para participarem de festas e procissões religiosas na cidade de Pelotas. Destaco dois anúncios:

VAPORES A SAIR Pelotas. O Rio-Grandense hoje às 2 horas quem quiser e for devoto de N. S. dos Passos, pode aproveitar a ocasião de ir ver a procissão que se faz amanhã. (Diário do Rio Grande, 01.04.1854, p. 4, Rio Grande)

Passeio a Pelotas. O comandante do vapor Rio Grandense propõe-se fazer uma passeio de recreio a cidade de Pelotas, hoje 8 do corrente, às 5 horas da manhã, e regressará daquela cidade segunda feira impreterivelmente as mesmas horas; sendo o preço das passagens de viagem redonda a módica quantia de 8\$000. Havendo na cidade vizinha, no dia mencionado, festa e procissão da Senhora da Conceição e à noite um belo fogo de artifício; o passeio oferece uma excelente distração e o proponente espera que o honrarão aceitando um dia de prazer que lhes oferece esse passeio; os cartões acham-se a venda na agencia da companhia União. (Diário do Rio Grande, 08.12.1861, p. 2, Rio Grande).

Os eventos esportivos também foram importantes atrativos turísticos deste período. De Pelotas partiam vapores levando passageiros para participarem de regatas em Rio Grande (Diário do Rio Grande, 21.09.1860, p. 3, Rio Grande) e em São José do Norte (Correio Mercantil, 25.12.1878, p. 3, Pelotas) e, de Rio Grande, partiam vapores levando visitantes para assistirem as corridas no Prado Pelotense (Correio Mercantil, 14.09.1879, p. 2, Pelotas). O anúncio abaixo ilustra essas excursões:

VAPOR MAUÁ (Pelotas) Domingo 23 do corrente às 6 ½ horas da manhan segue este vapor para o Rio Grande, d’onde regressará d’essa cidade logo depois de concluída a regata que ali deverá ter lugar; as pessoas que quizerem munir-se de bilhetes de ida e volta deverão procurá-los em casa de

João Rodrigues Saraiva, sendo 8\$000 por pessoa adulta e maiores de 12 anos e 4\$ por menores d'esta idade e creados das famílias que forem. Só são admitidas pessoas honestas. (Diário do Rio Grande, 21.09.1860, p. 3, Rio Grande)

A organização das excursões envolvia a viagem em si e a recepção aos visitantes. No vapor, bandas de musica da cidade de partida acompanhavam os excursionistas: de Pelotas, partiam as sociedades musicais “União” e “Santa Cecília” (Correio Mercantil, 19.11.1878, p. 1, Pelotas); de Rio Grande, a “música do 3º batalhão” (Correio Mercantil, 12.11.1878, p. 1, Pelotas) e a “Lyra Artística” (Correio Mercantil, 14.09.1879, p. 2, Pelotas). Os vapores eram todos embandeirados.

Para a recepção aos visitantes as bandas de musica da cidade saudavam os mesmos, assim como uma multidão esperava para cumprimentá-los. Havia toda uma mobilização das cidades em função da chegada desses excursionistas, os visitantes e visitados interagiam desde a chegada dos vapores e compartilhavam do espaço público de forma lúdica.

O cais daquela cidade, á chegada dos vapores, oferecia um aspecto imponente. Mais de 2.000 pessoas ali se achavam apinhadas, grande parte dos navios surtos no porto todos embandeirados, e as sociedades musicais Lyra Artística e Floresta Rio Grandense, saudavam com alegres hinos a chegada dos visitantes. Feito o desembarque no meio das mais entusiásticas saudações, aquelas duas bandas de musica e as que daqui foram, a União e a Santa Cecília, percorreram algumas ruas da cidade, seguidas de grande concurso de povo. [Viagem de Pelotas a Rio Grande em novembro de 1878, domingo] (Correio Mercantil, 19.11.1878, p. 1, Pelotas).

As excursões eram previamente organizadas, tanto no que se refere aos roteiros, quanto aos horários de ida e volta (Diário de Pelotas, 08.04.1886, p. 1, Pelotas), que geralmente eram 7½ da manhã e 3½ da tarde, respectivamente. Desse modo, verifica-se que as excursões eram de um dia, porém, alguns viajantes permaneciam até o outro dia, voltando em outro vapor (Correio Mercantil, 12.11.1878, p. 1, Pelotas). Isto pressupunha a existência de meios de hospedagem, seja em residências ou em hotéis.

Com a inauguração da estrada de ferro de Rio Grande a Bagé – Southern Brazilian Rio Grande do Sul, passando por Pelotas e Piratini, no início da década de 1880, as viagens de recreio a vapor começam a ser menos frequentes. A estrada de ferro permitiu aos excursionistas novos destinos, além de Rio Grande e Pelotas, relacionados com as estações ferroviárias, como Capão do Leão, Piratini, Bagé, Cerro Chato e Passo das Pedras.

Para Barbosa (2002) uma das grandes invenções dos últimos tempos, a estrada de ferro, teria um papel muito importante na história das viagens, sendo o marco da criação de uma das mais importantes atividades da era moderna, o turismo. Na metade do século XIX, a construção de ferrovias diminuiu consideravelmente o tempo e os custos de viagem. Houve um considerável desenvolvimento econômico na tecnologia de transportes e de comunicações. A ferrovia e a travessia de distâncias tornaram possível para um grande número de pessoas fazer excursões à noite, nos fins de semana e mesmo excursões mais longas.

As estradas de ferro foram o mais importante instrumento de transformação social no século XIX. Sua aparição revolucionou, incontestavelmente, o uso do tempo livre (MARTIN-FUGIER, 1991).

Em Rio Grande a Estação Ferroviária foi inaugurada em 2 de dezembro de 1884 (ENKE, 2005) e em Pelotas em 24 de dezembro de 1884, facilitando o deslocamento e a comunicação entre as cidades, o que gerou uma nova forma de viajar e um fluxo maior de deslocamento, criando uma nova forma de sociabilidade ao longo do caminho do trem, pois no percurso se estabeleciam relações entre os excursionistas, sociedades musicais acompanhavam os viajantes no trem.

Da mesma forma que as viagens de vapor, as excursões por trem, eram realizadas principalmente aos domingos e feriados, sendo que algumas vezes se estendiam até a metade da semana.

PASSEIO Para Bagé parte hoje ás 8 horas e 35 minutos um trem de excursão afim de conduzir as pessoas que desejarem assistir ali as festas do Espírito Santo. As passagens tomadas para este trem, tem direito a volta até o dia 28. (Diário de Pelotas, 25.12.1885, p. 2, Pelotas).

Como já afirmei a estrada de ferro permitiu novos destinos, não só nas cidades, mas também no campo e no mar. Nas cidades, os excursionistas continuavam sendo motivados pelas festas e eventos esportivos.

PASSEIO A BAGÉ Como estava determinado, seguiu ante-hontem para Bagé um trem de excursão conduzindo 137 passageiros. [...] Hoje deve effectuar-se em Bagé, a festa do Espírito Santo. (Diário de Pelotas, 27.12.1885, p. 2, Pelotas)

Excursionistas Ás 2h e 20 da tarde de domingo, chegou a esta cidade o trem de excursão de Bagé, conduzindo os excursionistas para a Kermesse da Biblioteca d'esta cidade. [...] (Correio Mercantil, 18.10.1887, p. 2, Pelotas)

O final do século XVIII e todo o século XIX estará marcado pela nova motivação: o prazer do descanso e da contemplação das paisagens da natureza. Este tipo de turismo de contemplação da natureza terá cada vez mais adeptos como resultado da deterioração da qualidade de vida nos grandes centros urbano-industriais. Até o século XIX, a natureza era vista pelo homem como um desafio, algo selvagem que devia domesticar; depois da industrialização começa a ser vista como algo a ser preservado e desfrutado (BARRETTO, 2001). A partir do século XIX a insalubridade da cidade industrial provocará um movimento de busca de saúde, descanso e prazer junto à natureza, no campo, na montanha ou no mar. Assim, a saída da cidade e a partida para o campo definem novas temporalidades urbanas, “em que a natureza emerge como espaço sanitário e como lugar possível de um lazer regenerador e revigorante.” (CSERGO, 2001, p. 189)

A ida para o campo é uma influência do romantismo. “As montanhas gozavam de um prestígio extraordinário, pareciam próximas do céu.” (PORTER, 2001, p. 45) Esse amor ardente pelas montanhas talvez tenha sido o traço mais característico da herança romântica.

No campo, os excursionistas iam ao Bosque Benjamin no Capão do Leão, ao Recreio Campestre dos Excursionistas, em Piratini, ao Sanatório Passo das Pedras, em Passo das Pedras, ao Café do Comércio, no Povo Novo.

BOSQUE BENJAMIN Do Rio Grande vem um trem no domingo com convidados para a inauguração do Bosque Benjamin. [...]. (Diário de Pelotas, 12.12.1885, p. 2, Pelotas).

RECREIO CAMPESTRE DOS EXCURSIONISTAS No dia 1º abriu-se junto a Estação Piratiny, [...]. (Correio Mercantil, 05.10.1887, p. 3, Pelotas).

Ao SANATORIO Passo das Pedras Domingo 25 do corrente Inauguração deste grande e esplêndido estabelecimento, situado na estação da estrada de ferro a 1 hora de Pelotas, [...]. (Correio Mercantil, 23.11.1900, p. 4, Pelotas).

Os proprietários destes estabelecimentos disponibilizavam várias atrações: “magestosas sombras, excelentes banhos, salões para baile com a competente harmoniosa orquestra” [Hotel Benjamin, no Capão do Leão]. (Correio Mercantil, 24.10.1885, p. 3. Pelotas), “lindíssimos arredores, banhada pelo magestoso Rio Piratiny” e “um bem montado e confortável RESTAURANT BUFFET” [Recreio Campestre dos Excursionistas, em Piratini]. (Diário de Pelotas, 24.12.1885, p. 3, Pelotas).

Estes bosques e recreios eram locais propícios para passeios ao ar livre, banhos de rio, pesca, passeios a cavalos, caminhadas, prazeres que o ambiente urbano não permitia devido ao espaço limitado e algumas restrições.

Como nos diz Camargo (2007: 189-90), “o gosto e a nostalgia do campo em contraposição à cidade; a necessidade de evasão; a sensação de confinamento espacial; os altos níveis de ruído e a poluição visual; o hábito dos deslocamentos e, por que não dizer, o *status*, acentua cada vez mais esta tendência [das viagens para fora das cidades]”.

A procura pelo banho de mar desponta como uma busca pelo prazer, desfrutando momentos de lazer. Corbin (1989) investiga o nascimento do desejo da beira-mar, culminando com a invenção das praias de veraneio. O autor revela as diversas visões do mar que se desdobram ao longo dos séculos XVIII e XIX. Inicialmente o mar é visto como perigoso, vinculado ao caótico, demoníaco, incompreensível; após, começa a ser visto como um local a ser contemplado; surge, após, a concepção medicinal do mar; no século XIX, os estabelecimentos de banhos representam novas possibilidades porque começam a oferecer infra-estrutura para recepcionar e distrair a sociedade, surgindo as praias de veraneio.

A elite pelotense vai passar a “estação balnear” em Rio Grande e em São José do Norte. Cito o exemplo da Baronesa dos Três Serros, que passou a estação balnear de 1887-88 em São José do Norte, por dois meses:

Baronesa dos Três Serros. – Exma. Sra. Baronesa dos Três Serros, viúva do barão do mesmo título, Dr. Anibal Antunes Maciel, alugou casa na vila de S. José do Norte, para passar a estação balnear. A ilustre senhora tenciona passar dois meses naquela vila, onde deve chegar com sua família em princípios de dezembro. (Diário do Rio Grande, 24.11.1887, p. 2, Rio Grande).

Porém, o local mais apreciado, principalmente no final da década de 1880 é a Estação Balnear Villa Sequeira, na cidade de Rio Grande. Após a inauguração da linha Rio Grande – Bagé, os proprietários da Companhia Carris Urbanos do Rio Grande, no ano de 1885, notaram que a prática do turismo cresceu na cidade com a implantação da ferrovia, e resolveram estender a linha até o oceano, com a construção de uma estação de banho, semelhantes aos balneários europeus (FLORES, 1993).

A primeira temporada de funcionamento da estação de banhos foi inaugurada em 26 de janeiro de 1890 (ENKE, 2005). Flores (1993) considera esta a primeira linha férrea especificamente turística no Estado.

A vida social mais refinada se transferia para os balneários nos meses de verão e frequentar esses espaços era uma forma de distinguir-se socialmente, igualando-se com os que se submetem às mesmas práticas.

Excursão á Mangueira No domingo haverá trem de excursão directo d'esta cidade á praia de banhos na Mangueira, partindo ás 6 ½ horas da manhã e regressando ás 8 ½ da noite. A passagem de ida e volta custará 3\$000. (Correio Mercantil, 29.01.1891, p. 2, Pelotas).

Além de usufruir do banho de mar, os excursionistas tinham a disposição outras formas de lazer e entretenimento como passeios de charretes, apreciação da praia através das varandas dos camarotes, as corridas a cavalo, os bailes, os concertos, as *matinéés* e *soirées* e diversos jogos, restaurante (ENKE, 2005). Assim, o balneário não era procurado unicamente com fins terapêuticos, mas como um local de lazer que oferecia uma infinidade de distrações.

Esses locais – campo e mar – representavam novas possibilidades de lazer da sociedade pelotense e das cidades vizinhas, pois ofereciam uma infra-estrutura apropriada para recepcionar os visitantes, proporcionando a interação visitante/visitado, através de almoços, festas, jogos, passeios campestres e atividades à beira mar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o século XIX Pelotas se desenvolveu a partir das charqueadas e de suas atividades complementares, o que contribuiu para a formação de uma elite abastada, que buscou, cada vez mais, novas maneiras de viver, de acordo com a sua situação econômica.

Foi após o término da Revolução Farroupilha que a cidade retomou seu desenvolvimento paralisado pelos dez anos de guerra. Essa retomada se deu através do retorno da população e de imigrantes uruguaios, argentinos e europeus; da abertura de novas fábricas, casas comerciais e de hospedagem; da retomada das charqueadas; e do reinício das atividades na Câmara Municipal. Foi nesse contexto que essa elite enriquecida buscou novos espaços de lazer, e, entre estes, os espaços fora dos contornos da cidade.

Inicialmente, as “viagens de recreio” eram realizadas entre Pelotas e Rio Grande, cidades que tinham uma ligação através da Lagoa dos Patos. Assim, frequentemente, vapores saíam das duas cidades levando excursionistas para participarem de festas religiosas ou eventos esportivos. Pode-se supor que as festas religiosas e os eventos esportivos foram os primeiros atrativos turísticos das cidades do século XIX.

As excursões intensificaram-se após a construção da estrada de ferro, no início da década de 1880, o que possibilitou as “viagens de recreio” para outras cidades que não só Pelotas e Rio Grande, como Piratini e Bagé, e, para os espaços rurais que ofereciam, como principal atrativo, a natureza, como Capão do Leão, Passo das Pedras, entre outros.

Em função dessa intensificação das viagens e da importância das mesmas enquanto formas de lazer, fundou-se em 1892, em Pelotas, o Club de excursionistas, “uma sociedade destinada a promover passeios fora da cidade”. (Correio Mercantil, 16.03.1892, p. 1, Pelotas).

Levando em conta o conceito de turismo apresentado anteriormente, é possível dizer que as “viagens de recreio” ou as “excursões” foram uma das primeiras manifestações do turismo em Pelotas e região, pois se caracterizaram pelo deslocamento voluntário e temporário dos moradores, basicamente por motivos de recreação, descanso e de contemplação da natureza. Essas viagens também possibilitaram uma interação social, através do encontro de pessoas de diferentes localidades.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2000.
- ARRIADA, Eduardo. *Pelotas – gênese e desenvolvimento urbano*. Pelotas: Armazém Literário, 1994.
- BARBOSA, Ycarim Melgaço. *História das Viagens e do Turismo*. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC do Turismo).
- BARRETTO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 11 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- CAMARGO, Haroldo Leitão. *Uma Pré-História do Turismo no Brasil. Recreações Aristocráticas e Lazeres Burgueses (18080-1850)*. São Paulo: Aleph, 2007.
- CASTELBRANCO, Basílio de. (Apresentador). *Diccionario Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.

- CONDE D'EU. *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*. (agosto a novembro de 1865). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- CORBIN, Alain. Do lazer culto à classe do lazer. In: _____. *História dos Tempos Livres*. O advento do lazer. (Tradução de Telma Costa). Lisboa/Portugal: Teorema, 2001, p. 59-90.
- CORBIN, Alain. *O Território do Vazio*. A praia e o imaginário ocidental. (Tradução de Paulo Neves). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CSERGO, Julia. Extensão e mutação do lazer citadino, Paris, século XIX-princípio do século XX. In. CORBIN, Alain. *História dos Tempos Livres*. O advento do lazer. (Tradução de Telma Costa). Lisboa: Teorema, 2001, p. 137-202.
- CUNHA, Alberto Coelho da. Antigualhas de Pelotas, nº 64. *A Opinião Pública*, Pelotas, quinta-feira, 01.11.1928, p. 1, n. 150, ano XXXIII.
- DE LA TORRE, Oscar. *El turismo, fenómeno social*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- ENKE, Rebecca Guimarães. *Balneário Villa Sequeira*. A invenção de um novo lazer (1890 – 1905). 2005. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, UNISINOS, São Leopoldo.
- FLORES, Hilda Hübner (Org.). *Turismo no Rio Grande do Sul*. 50 anos de pioneirismo no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- GUTIERRES, Ester J. B. *Barro e Sangue*: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas. (1777 – 1888). 1999. 549 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: _____ (Org.) *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LONER, Beatriz Ana. Jornais Pelotenses Diários na República Velha. *Ecos Revista*, EDUCAT – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 5-34, abril de 1998.
- MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). 2.ed. Pelotas: EdUFPEL; Co-edição Livraria Mundial, 1993.
- MARTIN-FUGIER, Anne. Os Ritos da Vida Privada Burguesa. In.: PERROT, Michelle et. al.. *História da Vida Privada, 4*: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. (Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily). São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 193-261.
- MELLO, Tancredo de. Pelotas. A sua formação. *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1912*. Anno 24°. Pelotas: Editores Pinto & C., 1912.
- MÜLLER, Dalila. “*Feliz a População que tantas Diversões e Comodidades Goza*”: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). 2010. 338f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2010.
- MÜLLER, Dalila. *A Hotelaria em Pelotas e sua Relação com o Desenvolvimento da Região: 1843 a 1928*. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, 2004.

NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle Époque Tropical*. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. (Tradução de Celso Nogueira) São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. 3.ed.rev. Pelotas: Armazém Literário, 1997. v. 1. (Coleção Cidade de Pelotas, 1).

PORTER, Roy. Os ingleses e o lazer. In.: CORBIN, Alain. *História dos Tempos Livres*. O advento do lazer. (Tradução de Telma Costa). Lisboa/Portugal: Teorema, 2001, p. 19-58.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *Espelhos, Máscaras, Vitrines*. Estudo Iconológico de Fachadas Arquitetônicas. Pelotas, 1870-1930. 1997. 211 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Língua Portuguesa composto por Antonio de Moraes Silva*. Tomo III. 4.ed. Lisboa: Imprensa Régia. Anno 1831.

SOLHA, Karina Toledo. Evolução do Turismo no Brasil. In: REJOWSKI, Mirian (org.) *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

VIEIRA, Sidney Gonçalves; PEREIRA, Óthon Ferreira e TONI, Jakson Silvano de. A Evolução Urbana de Pelotas: um estudo metodológico. *História em Revista*. Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. Pelotas, nº 01, setembro de 1994. p. 21-34.